

A economia brasileira continua a surpreender. A produção cresceu no primeiro trimestre, enquanto a sociedade ainda absorvia o impacto da mudança cambial. De janeiro a março, o Produto Interno Bruto (PIB) foi 1,02% maior que no trimestre final de 1998, descontado o efeito sazonal. Foi menor do que um ano antes – diferença de 0,99% –, mas o dado mais importante, neste momento, é a aparente reversão de tendência. Se o impulso se mantiver, o resultado final do ano será, certamente, bem melhor que o previsto na segunda versão do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). A hipótese de uma produção até 4% menor que a do ano passado vem sendo afastada tanto pelo governo quanto por técnicos do FMI e por especialistas da academia e do setor privado.

Os novos números do IBGE, divulgados na quinta-feira, dão pelo menos um argumento aos pessimistas. A maior parte daquele crescimento de 1,02% é explicável pelo excelente desempenho da agropecuária, com expansão de 17,76%, atribuível principalmente às lavouras (mais 12,63%). Trata-se, portanto, do resultado de um plantio realizado bem antes do choque cambial de janeiro. Esse dado disfarça, em parte, o impacto da crise externa. A produção industrial, de fato, se ex-

pandiu muito menos: 0,11%. Mas é preciso ter um mau humor fora do comum para desprezar mesmo esse número modesto. Houve realmente, como o IBGE noticiou há poucos dias, uma baixa na produção de bens de consumo, principalmente duráveis (redução de 2,8%). Com o desemprego em alta, os juros lançados em órbita e os consumidores assustados, nem esse resultado parece tão ruim. Em contrapartida, a produção de bens intermediários foi 0,9% maior que no trimestre final de 1998. A de bens de capital cresceu 3,6%.

Esses dois números são especialmente significativos. A produção de bens intermediários – insumos para a agricultura ou para outros segmentos da indústria – revela uma aposta na evolução do consumo e da atividade geral. Tão importante quanto isso é a retomada, apesar de modesta, da fabricação de bens de capital. Volta-se a investir, apesar das dificuldades, e o aumento das vendas de tratores é animador. No ano, até abril, a indústria vendeu 15,4% mais de máquinas agrícolas do que no mesmo período de 1998, segundo a associação dos fabricantes.



É cedo para soltar rojões, mas é possível, com realismo, prever um segundo semestre bem mais “animado” do que se esperava havia dois meses. Não se trata de otimismo prematuro, sustentado numa ou duas informações positivas. A economia apresenta, hoje, um conjunto amplo de bons indicadores. A moeda recuperou, no mercado cambial, boa parte do valor perdido na fase de grande insegurança. A cotação tem estado há várias semanas abaixo de R\$ 1,70

por dólar – uma taxa inicialmente prevista para o fim do ano. A inflação continua em queda. Indicadores de custo de vida têm subido até menos de 0,5% ao mês. Previsões para um resultado final abaixo de 10%, em 1999, podem ser arriscadas, neste momento, mas também tem pouco sentido embarcar num concurso de otimismo. Basta avaliar os dados conhecidos e reconhecer a mudança: o risco da inflação, hoje, é imensamente menor do que parecia a muita gente no começo do ano. Além disso, o acesso ao mercado internacional de capitais vem melhorando continuadamente.

O Banco Central tem baixado os juros com inesperada velocidade. Desse movimento po-

dem resultar três boas consequências: maior atividade, maior arrecadação tributária e menor pressão sobre a dívida pública.

As contas de governo também têm melhorado. O ajuste de curto prazo, pelo menos, parece estar sendo executado com alguma eficiência.

Nada disso justifica, porém, o mínimo relaxamento da política fiscal. É preciso continuar batallhando pelo programa de reformas. Sem essa condição, será impossível uma nova etapa de crescimento duradouro.

A curto prazo, o pior indicador é o do comércio exterior. O déficit vem diminuindo, mas por causa da redução

de importações. Se a economia, como se espera, crescer mais que o previsto no início do ano, também haverá tendência de importar mais. O governo pede paciência: a exportação deverá crescer a partir do segundo semestre. Vamos esperar que a previsão esteja correta. Mas um pouco mais de ação nessa área, com o governo apontando o caminho às empresas, será muito oportuno.

O desempenho melhor da economia tornará mais fácil o ajuste das contas, se o governo for firme